



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS RAFAEL BORDALO PINHEIRO

ESCOLA BÁSICA DE SANTA CATARINA

Ficha de avaliação de Português — 8.º A

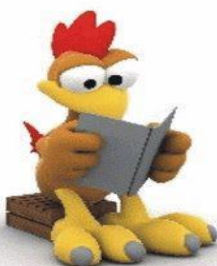
2013/2014

Nome —

Classificaç

O Professc

Observaçõ



COMPETÊNCIAS AVALIADAS

	F	NS	ST	B	MB
I - Compreensão escrita (50%)		X			
II - Conhecimento explícito da língua (20%)			X		
III - Expressão escrita (30%)			X		

Tomei conhecimento,

(Encarregado de Educação)

I

COMPREENSÃO ESCRITA

Texto A

Lê atentamente o texto.

Tesouros no fundo do mar

Já na Antiguidade, os homens tentavam recuperar as cargas perdidas em naufrágios mas só podiam contar com o seu próprio fôlego. Sabe-se, no entanto, que conseguiam verdadeiras proezas, pois ainda hoje há quem mergulhe nas mesmas circunstâncias. [...]

No século IX a. C., já havia mergulhadores especializados em recolher cargas de navios afundados. Aguentavam-se 5 debaixo de água bastante tempo graças a umas bolsas de pele que transportavam presas ao corpo. Enchiam-nas de ar recorrendo a um fole, respiravam através de um tubo. [...]

Na época dos Descobrimentos — séculos XV/XVI — o tráfego marítimo cresceu imenso e multiplicaram-se as riquezas transportadas a bordo.

Os navios portugueses regressavam de África e do Oriente com os porões a abarrotar de ouro, marfim, pedras preci- 10 osas, sedas, objetos de luxo. Quanto aos navios espanhóis, traziam da América quantidades impressionantes de ouro e prata.

Acontece que nem todos chegavam a bom porto. Tempestades, incêndios, carga excessiva ou ataques de piratas fizeram naufragar muitos navios que, ao afundarem, arrastavam para o fundo do mar tesouros incalculáveis! [...]

Os naufrágios despertaram cobiça de *wreckers* e de caçadores de tesouros.

15 Os *wreckers* eram indivíduos que se mantinham em terra, atentos à circulação de navios. Aproveitavam a escuridão, as noites de nevoeiro ou de tempestade para provocarem naufrágios. O método mais comum era acenderem luzes numa zona bem recuada para iludir os marinheiros que, julgando tratar-se de um farol, se aproximavam demasiado, levando o navio a espatifar-se de encontro às rochas.

Enquanto as tripulações e os passageiros lutavam para salvar a vida, os *wreckers* aplicavam-se a roubar. [...]

20 Os caçadores de tesouros limitavam-se a localizar navios afundados e organizavam expedições para se apoderarem da carga. O primeiro de que há notícia era inglês, chamava-se William Phips e viveu no século XVII. A sua história é muito simples: sabendo que o galeão espanhol Nossa Senhora da Conceição se afundara com os porões a abarrotar de preciosidades numa determinada zona de recifes da América Central, em 1641, decidiu tentar recuperar a carga. Para isso, apresentou o projeto a nobres ingleses ricos, conseguiu convencê-los a financiarem uma expedição e, em 1687, retirou 25 do fundo do mar 25 toneladas de prata e algum ouro!

Depois desta experiência, sucederam-se outras, ora com êxito ora fracassadas. Mas a falta de recursos técnicos era muito limitativa. Os caçadores de tesouros podiam saber notícias bastante seguras a respeito de um navio afundado e não terem maneira de lá chegar.

Ana Maria Magalhães, *Tesouros no Fundo do Mar Português*,

Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998

(texto com supressões)

Responde aos itens que se seguem, de acordo com as orientações que te são dadas.

1. Indica se as afirmações que se seguem são verdadeiras (V) ou falsas (F).
 - a. Desde o século XX que se fazem tentativas para recuperar as cargas perdidas em naufrágios.
 - b. No século IX a. C., os mergulhadores recorriam a uma bolsa de pele e a um tubo para respirar.
 - c. Na época dos Descobrimentos, aumentaram as cargas transportadas a bordo das naus.

2. Assinala, para cada uma das alíneas seguintes (2.1. a 2.3.), a(s) opção(ões) correta(s), de acordo com o texto.

2.1. Na época dos Descobrimentos, os navios naufragavam devido...

- a. ao desconhecimento das rotas.
- b. às tempestades.
- c. a incêndios.
- d. à inexperiência dos marinheiros.
- e. à carga excessiva.
- f. aos ataques de piratas.

2.2. Os *wreckers* eram indivíduos que, com o intuito de roubar, ...

- a. provocavam correntes marítimas adversas.
- b. controlavam os faróis.
- c. provocavam naufrágios.
- d. provocavam naufrágios, controlando os faróis.

2.3. William Phips era...

- a. um marinheiro de nacionalidade inglesa.
- b. um caçador de tesouros do século XVII.
- c. um *wrecker* inglês.
- d. um *wrecker* do século XVII.

3. Copia a frase abaixo apresentada para a tua folha de teste. Em seguida, completa-a com uma expressão tua que seja adequada ao sentido do texto.

Podemos afirmar que, no século XVII, o que impedia os caçadores de alcançar os tesouros era(m)

Texto B

O excerto que vais ler em seguida corresponde ao início do conto "O Tesouro", de Eça de Queirós.

O tesouro

Os três irmãos de Medranhos, Rui, Guanes e Rostabal, eram então, em todo o Reino das Astúrias, os fidalgos mais famintos e os mais remendados.

- Nos Paços de Medranhos, a que o vento da serra levava vidraça e telha, passavam eles as tardes desse inverno, en-
gelhados nos seus pelotes de camelão, batendo as solas rotas sobre as lajes da cozinha, diante da vasta lareira negra,
5 onde desde muito não estalava lume, nem fervia a panela de ferro. Ao escurecer devoravam uma côdea de pão negro,
esfregada com alho. Depois, sem candeia, através do pátio, fendendo a neve, iam dormir à estrebaria, para aproveitar o
calor das três éguas lazarentas que, esfaimadas como eles, roíam as traves da manjedoura. E a miséria tornara estes
senhores mais bravios que lobos.

Ora, na primavera, por uma silenciosa manhã de domingo, andando todos três na mata de Roquelanes a espiar pegadas de caça e a apanhar tortulhos entre os robles, enquanto as três éguas pastavam a relva nova de abril — os irmãos de Medranhos encontraram, por trás de uma moita de espinheiros, numa cova de rocha, um velho cofre de ferro. Como se o resguardasse uma torre segura, conservava as suas três chaves nas suas três fechaduras. Sobre a tampa, mal decifrável através da ferrugem, corria um dístico em letras árabes. E dentro, até às bordas, estava cheio de dobrões de ouro!

No terror e esplendor¹ da emoção, os três senhores ficaram mais lívidos do que círios. Depois, mergulhando furiosamente as mãos no ouro, estalaram a rir, num riso de tão larga rajada que as folhas tenras dos olmos, em roda, tremiam... E de novo recuaram, bruscamente se encararam, com os olhos a flamejar, numa desconfiança tão desabrida que Guanes e Rostabal apalpavam nos cintos os cabos das grandes facas. Então, Rui, que era gordo e ruivo, e o mais avisado, ergueu os braços, como um árbitro, e começou por decidir que o tesouro, ou viesse de Deus ou do Demónio, pertencia aos três, e entre eles se repartiria, rigidamente, pesando-se o ouro em balanças. Mas como poderiam carregar para Medranhos, para os cimos da serra, aquele cofre tão cheio? Nem convinha que saíssem da mata com o seu bem, antes de cerrar a escuridão. Por isso ele entendia que o mano Guanes, como mais leve, devia trotar para a vila vizinha de Retortilho, levando já ouro na bolsilha, a comprar três alforques de couro, três maquinas de cevada, três empadões de carne e três botelhas de vinho. Vinho e carne eram para eles, que não comiam desde a véspera: a cevada era para as éguas. E assim refeitos, senhores e cavalgaduras, ensacariam o ouro nos alforques e subiriam para Medranhos, sob a segurança da noite sem Lua.

— Bem tramado! — gritou Rostabal, homem mais alto que um pinheiro, de longa guedelha, e com uma barba que lhe caía desde os olhos raiados de sangue até á fivela do cinturão.

Mas Guanes não se arredava do cofre, enrugado, desconfiado, puxando entre os dedos a pele negra do seu pescoço de grou². Por fim, brutalmente:

— Manos! O cofre tem três chaves... Eu quero fechar a minha fechadura e levar a minha chave!

— Também eu quero a minha, mil raios! — rugiu logo Rostabal.

Rui sorriu. Decerto, decerto! A cada dono do ouro cabia uma das chaves que o guardavam. E cada um em silêncio, agachado ante o cofre, cerrou a sua fechadura com força. Imediatamente Guanes, desanuviado, saltou na égua, meteu pela vereda de olmos, a caminho de Retortilho, atirando aos ramos a sua cantiga costumada e dolente:

Olé! Olé!
Sale la cruz de la iglesia,
Vestida de negro luto...

Sai a cruz
inglesa.

Eça de Queirós, "O Tesouro", in *Contos*

1 – esplendor — brilho intenso; deslumbramento.

2 – grou — ave pernalta, de arribação, da família dos gruídeos.

Responde, de forma completa e bem estruturada, aos itens que se seguem.

4. Os três irmãos são-nos apresentados, em conjunto, nos dois primeiros parágrafos.

Indica, por palavras tuas, as características físicas e psicológicas referidas nesta apresentação inicial.

5. A narração propriamente dita vai ter início no terceiro parágrafo do texto.

5.1. Localiza a ação no espaço e no tempo.

6. A partir do momento em que encontram o tesouro, as três personagens passam a ser delineadas individualmente.

6.1. Traça o retrato físico e psicológico de cada uma delas.

7. No início do quarto parágrafo, assistimos às sucessivas reações que o tesouro provocou nos três irmãos.

7.1. Identifica essas reações, justificando o que disseres com passagens do texto.

8. Ao ouvir os irmãos dizerem que queriam fechar o cofre e guardar cada um a sua chave, "Rui sorriu" (l. 33).
8.1. Propõe uma explicação para esta atitude.
9. Relê a cantiga que Guanes entoia ao dirigir-se para a vila.
9.1. Partindo do conhecimento global do conto, diz em que medida é que estes três versos nos dão pistas sobre o que vai acontecer em seguida.
10. Procura no texto a expressão que permite inserir o conto no tempo histórico da Reconquista Cristã.
11. Lê os excertos apresentados:
- "No terror e esplendor da emoção [...]" (l. 15).
 - "[...] homem mais alto que um pinheiro [...]" (l. 27)
 - "[...] a pele negra do seu pescoço de grou [...]" (ll. 29-30).
- 11.1. Identifica os recursos expressivos utilizados.
11.2. Seleciona um deles e justifica a sua utilização por parte do narrador.

II CONHECIMENTO EXPLÍCITO DA LÍNGUA

12. Todas as orações sublinhadas começam com o vocábulo "que":
- A alegria era tanta que eles não paravam de festejar.
 - A cada um cabia uma das chaves que guardavam o cofre.
 - Guanes disse que queria a sua chave.
 - A casa que os três habitavam estava degradada.
 - Era fundamental que o tesouro ficasse bem escondido.
1. oração subordinada relativa
2. oração subordinada consecutiva
3. oração subordinada completiva
- 12.1. Associa cada uma das orações à respetiva classificação.
13. Os três irmãos abriram o cofre...
- 13.1. Transforma esta frase simples numa frase complexa, acrescentando-lhe uma oração iniciada por:
- conjunção coordenativa adversativa;
 - locução conjuncional subordinativa final;
 - locução conjuncional subordinativa temporal.
14. Passa a frase que se segue para o discurso direto:
- Rui sugeriu a Rostabal que tirasse o seu chapéu e que se escondesse ali junto dele.

III EXPRESSÃO ESCRITA

15. A riqueza pode proporcionar-nos momentos de grande alegria. No entanto, ouvimos dizer com frequência que o dinheiro não traz felicidade.
- Redige um **texto de opinião**, com um mínimo de **140** e um máximo de **200** palavras, em que expresses a tua opinião acerca da relação entre o dinheiro e a felicidade.